

**A astrologia nos doze poemas de
“Mar Português”
do livro *Mensagem* de Fernando Pessoa**

PARTE 1 de 4

**Signos da Primavera
Carneiro — Touro — Gémeos**

Vitorino de Sousa

*Que as forças cegas se domem
Pela visão que a alma tem!*

Fernando Pessoa

INTRODUÇÃO

Robert Bréchon, em *Estranho Estrangeiro – Uma biografia de Fernando Pessoa*¹ diz:

Mensagem é, como Fausto e o Livro do Desassossego, a obra de quase toda uma vida. O poema mais antigo é datado de 21 de Julho de 1913 e o mais recente de 26 de Março de 1934. A diferença está em que todas as outras obras, excepto The Mad Fiddler, que ficou inédito, ficaram por acabar... A Mensagem é o único livro que Pessoa compôs, terminou, reviu e corrigiu, e finalmente publicou. Este livrinho de algumas dezenas de páginas é o mais importante e o mais representativo do seu génio singular. Se, de toda a sua produção multiforme, apenas se pudesse guardar uma única obra, seria com certeza esta, que a posteridade, cumprindo a profecia do jovem crítico de A Águia em 1912, acabou por reconhecer como um dos dois cumes da poesia portuguesa, sendo o outro Os Lusíadas... Parece que a ideia de um livro de poemas de inspiração nacional, centrado sobre os heróis da época das Descobertas, lhe terá vindo ao espírito na época "sidonista", em 1917-1918. É então que escreve a sequência de poemas publicados em revista em 1922 sob o título de Mar Português, e que vai constituir a parte central do livro... Após um período de seis anos em que o projecto parece abandonado, escreve, entre Setembro e Dezembro de 1928, uma nova sequência de poemas que, na sua maioria, serão integrados na primeira parte, e alguns na terceira e última. Ainda escreve alguns desses poemas entre 1929 e 1933. É provável que, durante todos esses anos, o projecto tenha amadurecido no seu espírito e que se tenha, pouco a pouco, afirmado o seu carácter original, que é o de unir numa mesma inspiração a exaltação do sentimento nacional, os mitos do Sebastianismo e do Quinto Império, o espírito da gnose e da tradição iniciática, em suma, a totalidade do que constitui a "visão Rosa-Cruz".

À primeira vista, é óbvio que, neste conjunto de doze poemas, Fernando Pessoa abordou a epopeia dos Descobrimentos Portugueses através de algumas das suas figuras mais proeminentes, quer reais, quer simbólicas, tais como o Infante D. Henrique, Vasco da Gama, Fernão de Magalhães, Bartolomeu Dias, o Mostrengo, etc. No entanto, como se deduz das palavras de Robert Bréchon, algo se esconde em níveis mais profundos.

Na verdade, existe um nível de leitura astrológico que se mistura, naturalmente, com a essência espiritual. É este biógrafo do poeta que reconhece: (...) *para melhor salientar que a epopeia da salvação nacional é, em sentido figurado, a aventura da salvação da alma pessoal, este livro épico e mítico é antes de mais espiritualista e místico.*

¹. Lisboa: Quetzal, 1996, pp. 541-542.

Porém, embora se trate de doze poemas magistrais (principalmente quando encarados pela sua vertente espiritual), neles não se encontra qualquer referência explícita ao Ocultismo e muito menos à Astrologia. Daqui decorre que o leitor com conhecimentos sobre estas matérias, mas não alertado para o arcaboço que Fernando Pessoa sobre elas tinha, dificilmente seria capaz de descobrir tal artifício e, assim, usufruir desse nível de leitura. Em relação aos leitores sem informação sobre a linguagem da simbologia astrológica, atrevemo-nos a dizer que essa abordagem se torna, pura e simplesmente, impossível. O facto de serem doze poemas (tantos quantos os signos zodiacais), todavia, deveria ser suficiente para nos alertar: o número 12 está cheio de simbologias. Por conseguinte, tomar conhecimento do que ultrapassa o nível de leitura e da análise meramente poética, enriquece sobremaneira a fruição deste *Mar Português*. É uma parte desse trabalho que nos propomos ensaiar aqui, para ajudar o leitor a adquirir uma visão mais vasta e profunda da genial capacidade criativa de Fernando Pessoa.

Acrescente-se que não é possível compreender e abarcar toda a significação e profundidade do monumento literário deste poeta, sem levar em linha de conta os seus elevados conhecimentos astrológico. Na verdade, Fernando Pessoa foi astrólogo e, para essa atividade, criou até um heterónimo (Raphael Baldaya), o qual se propunha escrever um tratado sobre a matéria. Por isso, parte considerável do seu espólio é de natureza astrológica (horóscopos, anotações, ensaios, textos dispersos, etc.). Eis aqui um bom exemplo:

O horóscopo não relata o que há antes do nascimento, nem o que há depois da morte (...) A vida é essencialmente ação, e o que o horóscopo indica é a ação que há na vida do nativo. Três coisas não há que buscar no horóscopo: (1) as qualidades fundamentais do indivíduo, quanto ao seu grau íntimo; (2) o ponto de partida social da sua vida; (3) o que resulta dele, e da vida que teve, depois da morte. Tudo, menos isto, o horóscopo inclui e define. Não passemos de que seja apagado e frustrado o horóscopo de tal grande artista que foi célebre só depois de morto: o horóscopo indicará qualidades artísticas (em grau que não podemos medir) e indicará obscuridade. Tudo será indicado em abstrato; só uma vidência nossa o poderá concretizar. (Tal é o sentido do primeiro apótema de Ptolomeu.) Exemplificando melhor: um horóscopo de poeta dramático poderá ser determinado como tal e poderá, adentro desse horóscopo, ser indicada uma certa fama e um certo proveito. À parte isso, o horóscopo pode ser o de Shakespeare ou o de um poeta dramático de inferior nota, que, na época em que viveu, tenha tido uma vida, quanto a fama e proveito, idêntica ou semelhante à de Shakespeare. O horóscopo revela, pouco mais ou menos, o que o mundo vê. Nunca devemos esquecer este pormenor importantíssimo. Sem ele nada faremos da astrologia.

Além disto, os heterónimos Álvaro de Campos, Alberto Caeiro e Ricardo Reis tiveram o seu mapa natal levantado pelo próprio Fernando Pessoa, o qual não se coibiu de lhes analisar as personalidades e tecer considerações astrológicas, tendo por base os mapas de nascimento que ele mesmo calculara. Veja-se o que ele diz numa carta endereçada a Adolfo Casais Monteiro, no dia 13 de Janeiro de 1935: *Álvaro de Campos nasceu em Tavira no dia 15 de Outubro de 1890 (às 1.30 da tarde, diz-me Ferreira Gomes; e é verdade, pois, feito o horóscopo para essa hora, está certo).*

Portanto, e para dar seguimento a esta pretensão, o leitor encontrará nas páginas seguintes a transcrição dos doze poemas de *Mar Português* e a sua respetiva interpretação astrológica.

Por ser da mais elementar justiça, acrescente-se que a minha descoberta pessoal deste “tesouro” se deve ao astrólogo português Paulo Cardoso, de quem ouvi uma conferência sobre o assunto, em 1989, no Quíron, Centro Português de Astrologia.

Algumas das considerações que se seguem remontam aos apontamentos recolhidos durante esse evento; outras, surgiram da intuição ou tornaram-se surpreendentemente evidentes durante o ato de escrever o que vai ler a seguir.

Poema I correspondente ao 1º signo, Carneiro

O Infante

*Deus quer, o homem sonha, a obra nasce.
Deus quis que a terra fosse toda uma,
Que o mar unisse, já não separasse.
Sagrou-te, e foste desvendando a espuma.*

*E a orla branca foi de ilha em continente,
Clareou, correndo, até ao fim do mundo,
E viu-se a terra inteira, de repente,
Surgir, redonda, do azul profundo.*

*Quem te sagrou criou-te Português.
Do mar e nós em ti nos deu sinal.
Cumriu-se o Mar, e o Império se desfez.
Senhor, falta cumprir-se Portugal!*

Como facilmente se reconhecerá, o título deste primeiro poema refere-se, evidentemente, ao infante D. Henrique (1394/1460), o grande impulsionador dos Descobrimientos Portugueses. Ele foi o pioneiro dessa aventura, o homem que se propôs iniciar a concretização desse projeto que abriu novos mundos ao mundo.

“Infante” significa “filho do rei”, neste caso D. João I. Vamos encontrar este mesmo termo (Filho) na trilogia cristã, posicionado entre o Pai e o Espírito Santo. Da mesma forma, também este conjunto de doze poemas está posicionado, no livro *Mensagem*, entre a primeira parte (Brasão) e a terceira (O Encoberto). É interessante verificar que, se pusermos em paralelo a trilogia cristã e os três capítulos de *Mensagem*, encontramos as seguintes correspondências:

- 1 – Deus – *Brasão*
- 2 – Filho – *Mar Português*
- 3 – Espírito Santo – *O Encoberto*

Apesar das acepções de *Brasão* e de *O Encoberto*, utilizadas no contexto da *Mensagem*, é caso para perguntar:

1 – Acaso “Deus” não pode ser considerado um *Brasão*, um símbolo da verdadeira Nobreza?

2 – O que é *Mar Português* senão o “Filho” dileto dos feitos da nação portuguesa?

3 – Quanto ao “Espírito Santo” – que, na Trindade, o ocupa o lugar da Mãe, a doadora natural de Amor – não tem ele andado *Encoberto*?

Esta noção de trilogia está bem patente, também, no facto de este poema ter três estrofes. Logo no primeiro verso da primeira estrofe – *Deus quer, o homem sonha, a obra nasce* – Fernando Pessoa refere as três condições que intervêm na Manifestação, o último estágio da progressiva densificação da energia. Igualmente, quando vemos ou ouvimos referências a Deus (Fonte, Origem, etc.), também três ideias podem ocorrer:

1 – Criação.

2 – Compaixão.

3 – Fogo Criador.

Quanto à primeira ideia – Criação – decerto apetecerá fazer a velhíssima pergunta: quem é o Gerador Primordial do universo visível e invisível? Cada vez que, ao longo dos séculos, formulámos esta questão, pretendemos, evidentemente, recolher uma resposta. Mas quando esta pergunta foi feita pela primeira vez, a resposta que recebemos decerto foi um Silêncio Absoluto. Na altura, devemos ter julgado que ninguém respondeu. Talvez por isso, temos vindo a repetir a mesma pergunta milhões de vezes! É notório o empenho com que, ainda hoje, nos entregamos a esta indagação, tal como é evidente o desespero que temos vindo a acumular, uma vez que a resposta teima em não surgir. Esquecemo-nos, todavia, que aquele Silêncio Absoluto, significa que nada se pode dizer acerca do Gerador Primordial, embora muito se possa especular.

Quanto à segunda ideia suscitada pelo conceito de Deus – Compaixão – ela remete para a capacidade de reconhecer o Espírito por detrás das aparências físicas, das particularidades de carácter, dos atributos da personalidade, etc.

Quanto à terceira ideia suscitada pelo conceito de Deus – Fogo Criador – verificamos que o Fogo é o elemento de Carneiro, o 1º signo do Zodíaco, ao qual este primeiro poema está associado. O segundo verso da primeira estrofe – *Deus quis que a terra fosse toda uma* – expressa perfeitamente esta ideia de Deus como fonte da Vontade (*Deus quis*) ligada ao Fogo Criador.

Por seu turno, o verso seguinte – *Que o mar unisse, já não separasse* – a referência ao *mar* aponta para o arquétipo de Peixes (12) – o signo anterior a Carneiro (1) – regido por Neptuno, Senhor dos Oceanos. Esta menção ao encerramento do ciclo zodiacal que o transforma numa unidade, é uma referência clara à ideia de que o Fogo Criador bafeja todas as coisas.

A propósito da sequência dos signos, convém dizer que os 12 arquétipos zodiacais não são compartimentos estanques, alinhados numa sequência aleatória; cada um deles, apesar da sua identidade própria, é, simultaneamente, um modelo bem definido e uma resposta ao signo anterior. E tem o seu complemento no signo oposto.

Por conseguinte, Peixes, o último signo do Zodíaco (12, par), une e integra em si todos os antecedentes. Com esta síntese, encerra um ciclo e abre outro... tal como a audácia do *Infante* D. Henrique em aventurar-se (Carneiro) nos Descobrimientos dos Mares (Peixes) fechou um ciclo da História de Portugal, caracterizado pela fundação da nacionalidade e subsequente conquista e estabelecimento das fronteiras terrestres, e abriu outro. Este novo ciclo iria cumprir-se através, já não da criação de uma nacionalidade, mas sim da universalidade; já não através da conquista de fronteiras terrestres, mas sim de fronteiras marítimas... se é que podemos por fronteiras no que é global por natureza.

É curioso notar que a última palavra da primeira estrofe – *espuma* – remete para Afrodite, cujo mito diz ter nascido da espuma do mar. Afrodite é uma deusa do Panteão Grego a quem os romanos chamavam Vénus. Ora, Vénus é o regente de Balança (7, ímpar), o signo oposto a Carneiro, cujo regente é Marte. Esta oposição zodiacal entre Carneiro/Marte e Balança/Vénus representa um desafio de complementaridade, um teste ao amor incondicional, bem evidente no contraste entre estes dois polos da oposição complementar:

- MARTE – Masculinidade, certeza, brusquidão, agressividade, impaciência, rudeza.
- VÉNUS – Feminilidade, dúvida, diplomacia, serenidade, tolerância, simpatia.

Ao escrever *O Infante*, Fernando Pessoa considerou a forma mais salutar de interpretar o Zodíaco, avaliando cada signo e seu regente como complementar do seu oposto. Repare: em tudo o que tem um início (Carneiro), ou representa um início (*O Infante*), está implícita uma promessa de expansão e de esperança assente no entusiasmo, na coragem e na firmeza (Carneiro/Marte), assim como na diplomacia, na tolerância e na serenidade (Balança/Vénus), embora tal não se verifique frequentemente.

Esta ideia de movimento para a frente, em direção a algo ao complemento, está bem expressa nos primeiros versos da segunda estrofe:

*E a orla branca foi de ilha em continente
Clareou, correndo, até ao fim do mundo.*

Ou seja, algo ímpar (Carneiro) – *a orla branca foi...* – saiu em busca do complemento (Balança). Fê-lo *correndo até ao fim do mundo*. E como os esforços são sempre recompensados:

*viu-se a terra inteira, de repente
Surgir, redonda, do azul profundo.*

Este desafio de algo encontrar o seu complementar que lhe dá sentido, é o propósito do eixo que liga Carneiro/sozinho a Balança/acompanhado. Estes dois últimos versos da segunda estrofe reforçam a evidência de que Fernando Pessoa não ignorou a astrologia na composição deste poema.

Neste contexto, a expressão *terra inteira* haverá de ser entendida, não como a larga paisagem que se apresentava perante o olhar dos navegantes, mas como a dimensão, superior, não terrena e cheia de possibilidades que se abria perante eles. Ora, graficamente, o Zodíaco tem uma forma *redonda* e representa, simbolicamente, a interligação do está em cima com o que está em baixo. Isto é, o relacionamento da vida nesta dimensão com a dimensão superior, não terrena, cheia de possibilidades!

Além disto, o *azul* é a cor associada ao 5º Raio, aquele que promove a aproximação das formas à Ideia divina que lhes deu origem, que estimula o desenvolvimento do mundo concreto e age por intermédio do impulso mental e do intelecto, gerando a ciência da alma, a psicologia e a educação. Se lermos estes itens considerando o enorme impacto dos Descobrimentos portugueses no mundo do século XV, decerto perceberemos por que Fernando Pessoa utiliza, neste contexto, a expressão *azul profundo*. Estaria ele a referir-se à cor do mar? *Profundo* como era (o seu mapa natal mostra o signo ascendente em Escorpião), o poeta decerto estava a pensar nas atribuições do 5º Raio. No entanto, e apesar de tudo, a terceira estrofe conclui:

Senhor, falta cumprir-se Portugal!

Aguardemos, pois, calmamente.

* * *

Para terminar esta breve análise de *O Infante*, resta chamar a atenção do leitor para o seguinte: a palavra que inicia este poema associado a Carneiro (dar início a) é: *Deus*. E a palavra que o encerra é: *Portugal!* Portanto, a primeira palavra remete para Aquele que tudo inicia e onde tudo se inicia; a última palavra remete para um país do último signo, Peixes, aquele arquétipo onde tudo acaba no indefinido, no sonho, na fantasia, no oculto, enfim, na dissolução de onde vai sair um novo ciclo. Ora, Portugal ficou na História, precisamente, devido à ousadia (Carneiro, o primeiro) de dar início a uma nova forma de afrontar a vastidão desconhecida, oculta, dos oceanos (Peixes, o último). Fernando Pessoa sustenta esta tese denunciando a vertente oculta dos Descobrimentos.

Poema II correspondente ao 2º signo, Touro

Horizonte

*Ó mar anterior a nós, teus medos
Tinham coral e praias e arvoredos.
Desvendadas a noite e a cerração,
As tormentas passadas e o mistério,
Abria em flor o Longe, e o Sul sidério
'Splendia sobre as naus da iniciação.*

*Linha severa da longínqua costa -
Quando a nau se aproxima ergue-se a encosta
Em árvores onde o Longe nada tinha;
Mais perto, abre-se a terra em sons e cores:
E, no desembarcar, há aves, flores,
Onde era só, de longe a abstracta linha.*

*O sonho é ver as formas invisíveis
Da distância imprecisa, e, com sensíveis
Movimentos da esp'rança e da vontade,
Buscar na linha fria do horizonte
A árvore, a praia, a flor, a ave, a fonte -
Os beijos merecidos da Verdade.*

O que ressalta imediatamente deste poema é a utilização de termos que referem os elementos típicos da Natureza caracterizados pela Beleza, quando esta estação está no auge da sua pujança. Ora, estes termos são exatamente os mesmos que referem o arquétipo Touro. Este signo astrológico é regido por Vénus, a deusa da Arte, do Amor e da Sedução, a qual, naturalmente, expressa os valores taurinos de beleza e de sensualidade. Para que isto fique bem claro, destaquemos esses termos e as expressões que, em *Horizonte*, “escondem” a presença dominante de Touro/Vénus:

Tinham coral e praias e arvoredos
...
Abria em flor o Longe, e o Sul sidério
...
Em árvores onde o Longe nada tinha;
Mais perto, abre-se a terra em sons e cores:
E, no desembarcar, há aves, flores,
...
A árvore, a praia, a flor, a ave, a fonte
Os beijos merecidos da Verdade.

De todas estas referências, a mais clara está, sem dúvida, nos dois últimos versos da terceira estrofe:

A árvore, a praia, a flor, a ave, a fonte
Os beijos merecidos da Verdade.

Touro é um signo do elemento Terra, que diz respeito às vertentes práticas da vida, baseadas na experiência passada (concretização) e à realidade perceptível do presente (evidência). Por ser preservador e conservador, está pouco interessado no futuro. E está bem presente neste poema, quer nos termos característicos da sua vertente material e física (*aves, flor, árvores, praia, fonte, etc.*) quer no sentido da já citada “concretização” (baseada na experiência passada) e da “evidência” (realidade perceptível do presente).

Começemos pela “concretização” (baseada na experiência passada): na primeira estrofe, o verbo está no pretérito perfeito (tempo passado):

Ó mar anterior a nós, teus medos
Tinham coral e praias e arvoredos.

Este tempo de conjugação do verbo pressupõe que, no presente, os *medos* deixaram de ter *coral e praias e arvoredos*. Logo, a presença do elemento Terra está em que algo se concretizou.

Quanto à “evidência” (realidade perceptível do presente): na segunda estrofe, os verbos estão no presente do indicativo (tempo presente):

Quando a nau se aproxima ergue-se a encosta
Mais perto, abre-se a terra em sons e cores
E, no desembarcar, há aves, flores

Outra referência clara ao elemento Terra é o próprio título do poema: *Horizonte*. Um horizonte pode ser apenas uma linha que, aparentemente, assinala o “fim” do planeta. Porém, para os navegantes portugueses que procuravam novas terras, decerto se refere ao avistamento e posterior alcance de algo sólido, alguma coisa de concreto que se visse,

sentisse, tocasse e cheirasse (elemento Terra), algo que se pudesse possuir e preservar (Touro), que se pudesse fruir, amar e contemplar (Vénus).

Mas este poema denota, também, uma presença bem vincada do signo oposto. Neste caso é Escorpião – um arquétipo de mistério, profundidade, noite, breu, transcendência, morte, regeneração, inconsciente profundo, etc. A terminologia típica deste arquétipo oposto a Touro pode ser encontrada em:

Ó mar anterior a nós, teus medos
...
Desvendadas a noite e a cerração
As tormentas passadas e o mistério
...
Linha severa da longínqua costa
...
O sonho é ver as formas invisíveis.

Perante isto, fará algum sentido considerar esta magistral composição como um simples poema inspirado? Será por acaso que Touro e Escorpião estão aqui codificados? Fernando Pessoa tinha o Ascendente em Escorpião. Esse gosto pela investigação, pelo contacto com o oculto e com o enigma forçou-o, evidentemente, a ir bem mais fundo. Toda a sua obra o assegura.

É evidente que, por detrás da exaltação da bravura da viagem física, externa, dos navegadores (que serve de tema aos 12 poemas), está a viagem espiritual, interna, com o seu trabalho alquímico, as iniciações, o autoconhecimento. Por outras palavras, o empenho na tarefa de ir substituindo a consciência terrena e mundana, por uma outra, divina e transpessoal. Em *Horizonte*, há expressões e ideias que apontam claramente nesse sentido. Os dois últimos versos da primeira estrofe são bem explícitos:

Abria em flor o Longe, e o Sul sidério
'Splendia sobre as naus da iniciação.

Repare que o termo *Longe* está escrito com maiúscula; não refere, portanto, a distância física que separava os navegadores das terras onde pretendiam chegar; é outro tipo de *Longe*. Além disto, as *naus* deixam de ser os veículos da descoberta marítima, para passarem a ser os veículos *da iniciação*.

Outro exemplo de expressões e ideias que apontam claramente no sentido da viagem espiritual, do trabalho alquímico, da iniciação e do autoconhecimento, é toda a terceira estrofe, especialmente o seu início:

O sonho é ver as formas invisíveis
Da distância imprecisa...

O que poderão ser estas *formas invisíveis da distância imprecisa* senão aquelas que o desdobramento da energia do ser multidimensional podem assumir, na *distância imprecisa* dos vários planos das dimensões dos diversos Universos? Qual poderá ser esta *Verdade* maiúscula senão a da nossa origem cósmica e divina? Que lábios darão os *beijos merecidos da Verdade*, senão os da Fonte? Quem os receberá senão uma alma resgatada? Estes *beijos* não serão sentidos na frente, suada pelas agruras do Caminho, a menos que falemos simbolicamente.

Em termos de expansão da consciência, o objectivo é realizar o *sonho* de *ver*, de ser capaz de reconhecer *as formas invisíveis da distância imprecisa*, escondidas no futuro por desvendar. Por outras palavras: ninguém acaba no limite da consciência que tem acerca de si próprio. Enfim, trata-se do célebre mistério da vida, como se costuma dizer, em cujo centro se encontra um complexo labirinto. Queixamo-nos por não conseguirmos encontrar a saída, mas parece que não queremos sair dele. Procuramos incessantemente a saída do labirinto, mas não há meio de reconhecermos que de um labirinto só se sai por cima, depois de perdermos “peso”. Se desprezarmos isto, jamais encontraremos a saída!

O mistério desaparece, porém, quando reconhecermos que a mente concreta, racional – que pensa, analisa e especula – é incapaz de processar a informação que gerará o conhecimento da *Verdade*. Realmente, ela é incapaz de decodificar o que está para além da dimensão física. É completamente desnecessário pedir ao que foi concebido para pensar, fazer análises e especular, que nos esclareça acerca do que tem de ser sentido intuitivamente. Sem entendermos isto, permanecemos dentro dos labirintos do mistério, continuamos a peregrinar erraticamente em busca de orientação, do sentido e do propósito da existência. Resultado: os tais *beijos merecidos da Verdade* vão sendo sistematicamente adiados.

Por outras palavras, temos vindo a orientar a nossa pesquisa para os seguintes temas:

- O local de origem. (De onde venho?).
- A consciencialização do grau de evolução (Quem sou eu?).
- A busca do ponto de chegada (Para onde vou?).

Esquecemo-nos, porém, que o nosso ser provém de outra dimensão, onde deixou a sua matriz perfeita, que nos ajuda neste mundo das formas, desde que solicitemos essa ajuda. Mas, para que tal seja possível, é necessário que o eu/ego abdique da arrogância e do orgulho. Em *Horizonte*, Fernando Pessoa convida-nos a refletir acerca da condição de estarmos neste mundo, embora não sejamos deste mundo. Estamos aqui para *Buscar na linha fria do horizonte / A árvore, a praia, a flor, a ave, a fonte / Os beijos merecidos da Verdade*. Ou seja, temos de ativar aquele instinto do salmão que, depois de muitos anos no mar, o leva a regressar ao rio onde nasceu.. E quando recebermos os tais *beijos merecidos da Verdade*, percebermos, finalmente, que beijamos a nossa própria frente.

* * *

Repetindo o jogo de relacionar as primeiras e as últimas palavras do poema, podemos ver na expressão inicial do poema – *Ó mar anterior a nós* – uma invocação ao *mar* primordial. Podemos considerá-lo como o Oceano da Totalidade, naturalmente *anterior a nós*, pois somos o fruto manifestado da Sua criatividade. A ternura inerente a essa Origem volta a aparecer no último verso – *Os beijos merecidos da Verdade*. O Oceano da Totalidade rejubila com o regresso do seu Filho/ Rio e beija-lhe a frente. E, ao beijar, unifica.

Poema III correspondente ao 3º signo, Gémeos

Padrão

*O esforço é grande e o homem é pequeno.
Eu, Diogo Cão, navegador, deixei
Este padrão ao pé do areal moreno
E para diante naveguei.*

*A alma é divina e a obra é imperfeita.
Este padrão sinala ao vento e aos céus
Que, da obra ousada, é minha a parte feita:
O por-fazer é só com Deus.*

*E ao imenso e possível oceano
Ensinam estas quinas, que aqui vês,
Que o mar com fim será grego ou romano:
O mar sem fim é Português.*

*E a Cruz ao alto diz que o que me há na alma
E faz a febre em mim de navegar
Só encontrará de Deus na eterna calma
O porto sempre por achar.*

O mais interesse deste poema é o facto de ser o único em que o autor – apesar de se identificar com a figura de Diogo Cão – se expressa na primeira pessoa. Esta exceção deve-se, decerto, à circunstância de *Padrão* corresponder a Gémeos, o signo natal de Fernando Pessoa (13 de Junho de 1888, às 15:23², em Lisboa).

Quando se descreve o signo de Gémeos costuma referir-se a sua acentuada mutabilidade e dispersão, assim como a tendência para intelectualizar as experiências. Com base nestes parâmetros, veja-se como Fernando Pessoa se autodefiniu:

² Segundo revela Luís Resina no seu livro *Astrobiografia de Fernando Pessoa*. Ed Mahatma.

Cumpr-me agora dizer que espécie de homem sou. (...) Toda a constituição do meu espírito é de hesitação e dúvida. Para mim, nada é nem pode ser positivo; todas as coisas oscilam em torno de mim, e eu com elas, incerto para mim próprio. Tudo para mim é incoerência e mutação. Tudo é mistério, e tudo é prenhe de significado. Todas as coisas são “desconhecidas”, símbolos do Desconhecido. O resultado é horror, mistério, um medo por demais inteligente. (...) Todo o meu carácter consiste no ódio, no horror e na incapacidade que impregna tudo aquilo que sou, física e mentalmente, para actos decisivos, para pensamentos definidos. Jamais tive uma decisão nascida do autodomínio, jamais traí externamente uma vontade consciente. Os meus escritos, todos eles ficaram por acabar; sempre se interpunham novos pensamentos, extraordinários, inexpulsáveis associações de ideias cujo termo era o infinito. Não posso evitar o ódio que os meus pensamentos têm a acabar seja o que for; uma coisa simples suscita dez mil pensamentos, e destes dez mil pensamentos brotam dez mil interassociações, e não tenho força de vontade para os eliminar ou deter, nem para os reunir num só pensamento central em que se percam os pormenores sem importância mas a ele associados. (...) O meu carácter é tal que detesto o começo e o fim das coisas, pois são pontos definidos. (...)

Notável! O leitor poderá investigar nos inúmeros compêndios de astrologia disponíveis nas livrarias; contudo, dificilmente encontrará uma descrição que melhor defina o arquétipo Gémeos.

Em *Padrão*, mais uma vez, Fernando Pessoa usa as navegações, os marinheiros e as viagens pelos maravilhosos mares ignotos desse planeta, para falar da sua viagem espiritual. Di-lo, claramente, no primeiro verso da primeira estrofe. Decerto baseado na sabedoria adquirida por via da inevitável renúncia do mundo e das suas vãs glórias, reconhece:

*O esforço é grande e o homem é pequeno.
Eu, Diogo Cão, navegador, deixei
Este padrão ao pé do areal moreno
E para diante naveguei.*

Porém, destes mesmos versos – que assinalam a propensão geminiana de se movimentar permanentemente – pode tirar-se um outro significado: nesta estrofe, Pessoa identifica-se com *Diogo Cão* e confessa-se *navegador*, o que é uma forma de se reconhecer como um pesquisador peregrino das rotas (Mar, Peixes, Portugal, Espírito) que conduzem à Origem. E, lembrando-se do monumento de pedra (padrão) que os Portugueses erguiam e deixavam nas terras que iam descobrindo, diz o que consta dos quatro versos acabados de citar. Tentemos traduzir:

1) O termo *padrão* – que, ao dar nome ao poema, reforça a sua regência sobre ele – poderá ser entendido como o próprio trabalho literário do poeta. Esse trabalho é obra de incrível beleza, originalidade e profundidade que nos deixou, particularmente o livro *Mensagem*, ao qual pertencem estes 12 poemas.

2) A expressão – *ao pé do areal moreno* – é, seguramente, sinónimo das praias deste

Portugal à beira mar plantado, as quais se tornaram célebres por terem assistido, durante séculos, à presença angustiada dos seres humanos, principalmente mulheres, que ali ficavam, constringidas e chorosas, olhando o horizonte, depois de terem visto zarpar os seus maridos e filhos. No 10º poema (Mar Português) – quiçá o mais belo e conhecido dos 12 que fazem parte deste conjunto – Fernando Pessoa expressou bem este drama: *Ó mar salgado, quanto do teu sal / São lágrimas de Portugal! / Por te cruzarmos, quantas mães choraram, / Quantos filhos em vão rezaram! / Quantas noivas ficaram por casar / Para que fosses nosso, ó mar!*

3) A expressão – *E para diante naveguei* – poderá ser interpretada como uma forma do poeta dizer que cumpriu a tarefa a que se propôs. Ou seja, escreveu e avisou o que havia para escrever e avisar. Depois, como convém, não se apegou à sua criação e seguiu *para diante*, em busca de novas rotas, novas terras, novos portos.

E como se a primeira estrofe não bastasse para confessar o objectivo a que dedicou toda a sua vida, começa a segunda retomando o mote espiritual:

A alma é divina e a obra é imperfeita.

Quer o poeta dizer, certamente, que nós, enquanto humanos, não podemos fazer tudo. A partir do momento em que a *alma*, apesar de *divina*, se confronta com a densidade do plano físico, só podemos fazer o que estiver ao nosso alcance. Por isso, *a obra é imperfeita!* Apesar de tudo, o que é que está ao nosso alcance?

a) Está ao nosso alcance usar o livre-arbítrio da única maneira que nos é favorável, escolhendo a via do aprofundamento espiritual. Esta escolha é fundamental para, libertando-nos desse mesmo livre-arbítrio, possamos satisfazer a Vontade Superior sem nos questionarmos se essa Vontade Superior coincide ou não com a nossa vontade inferior. Nesse dia, as duas passarão a ser uma coisa só.

b) Está ao nosso alcance embeber os nossos pensamentos e atos em Firmeza e Doçura, para acabarmos de vez com as discórdias, os desacordos e as desafinações que derivam de a alma não conseguir afinar a personalidade com o Cântico da Vida.

c) Está ao nosso alcance tornarmos sagrada a nossa consciência terrena, fazendo com que ela seja à imagem e semelhança da Consciência Cósmica. Isto é conseguido, não contrariando a afinação nossa personalidade com o Cântico da Vida!

Tudo isto está ao nosso alcance, mas preciso de ser alcançado. Convirá, pois, eliminar as sombras criadas pelo ego e convidá-lo a sair do trono. Estas duas das condições são fundamentais ao processo de expansão da consciência, cuja falta só nos tem trazido problemas.

Ainda nesta segunda estrofe, Pessoa, considerando a sua obra (*padrão*) com a consciência tranquila, garante:

*Este padrão sinala ao vento e aos céus
Que, da obra ousada, é minha a parte feita:
O por-fazer é só com Deus.*

Sim, da *obra ousada*, ele fez o que era possível ser feito. Há pouco dissemos “tudo isto está ao nosso alcance, mas precisa de ser alcançado!” Fernando Pessoa alcançou o que estava ao seu alcance! Se mais não fez, foi porque *O por-fazer é só com Deus*.

Este último verso da segunda estrofe – *O por-fazer é só com Deus* – refere a Fonte de todas a humanidades e de tudo o resto. Trata-se daquilo que uma parte considerável da população chama *Deus*. Ora bem, o signo complementar de Gémeos (3) é Sagitário (9), o Iluminador do Caminho, o modelo do Mestre, do Guru, do Hierofante (do grego *hierophántes*: sabedor de uma ciência ou de um mistério). Dito de outra forma, Sagitário é o arquétipo que tem como função religar as criaturas à sua Origem – seja qual for o nome que se lhe dê – ensinando a reconhecer o que se esconde por detrás das aparências. O Centauro Arqueiro – símbolo de Sagitário – treina-se para acertar no alvo do significado profundo, abstracto, filosófico e metafísico daquilo que acontece. Por isso, aponta para cima. E já que, a propósito de Sagitário, estamos a falar de *Deus*, o Supremo Senhor do Universo, relembremos que Sagitário é regido por Júpiter/Zeus, o Supremo Senhor do Olimpo!

O segundo verso desta estrofe – *Este padrão sinala ao vento e aos céus* – refere, claramente, os elementos dos signos que integram este eixo de signos – Gémeos e Sagitário – isto é, o Ar (*vento*) e o Fogo (*Céus*), respectivamente. A associação entre o elemento Ar e o *vento* é óbvia. Todavia, o mesmo poderá não acontecer com a conexão Fogo/*Céus*. Se parece que o Fogo tem uma relação longínqua com *Céus*, relembremos o Fogo Criador da Consciência Primordial. Ou Zeus, o Senhor dos *Céus*, que usa o Raio quando se aborrece.

Padrão é o terceiro poema deste conjunto, tal como Gémeos é o terceiro signo do Zodíaco, o qual, como já vimos, é o signo de nascimento de Fernando Pessoa. Podemos, então, recuperar aqui a terceira pessoa da Santíssima Trindade, essa vibração a que a Igreja Católica resolveu chamar Espírito Santo... embora devesse ser conhecida como Mãe, pois uma família composta por um Pai, um Filho e uma Pomba é algo que dá que pensar³. Seja como for, Mãe, Pomba ou Espírito Santo são tudo nomes que definem algo, e nomes que definem algo são coisas que só existem na Terra, uma escola cujos alunos adoram definições!

Se a designação “Espírito Santo” define que o Espírito é Santo, então, seguir a via do Espírito nada mais deveria ser do que reconhecer, aceitar e praticar as qualidades do Espírito. Acha o leitor que ser Santo, como o Espírito é, não está ao seu alcance? Tem razão se acha que não está. Seguir a via do Espírito é viver como se fosse possível experimentar, plena e integralmente, todas a qualidades do Verdadeiro Espírito. Já sabe que não é possível, mas é possível viver como se o fosse, preferindo um fingimento útil e deixando para trás os fingimentos inúteis.

³ A qual, ainda por cima, passa a vida a sujar as cadeiras do céu, como escreveu o autor destes poemas!

Fernando Pessoa sabia que, embora a fingir, (sim, *o poeta é um fingidor...*), o Caminho é individual e solitário:

*E a Cruz ao alto diz que o que me há na alma
E faz a febre em mim de navegar
Só encontrará de Deus na eterna calma
O porto sempre por achar.*

Talvez por isso tenha optado pelo discurso na primeira pessoa do singular. Ao falar diretamente de si próprio, talvez tenha querido aproximar-se mais intimamente do leitor, na esperança de que essa proximidade o ajudasse a reconhecer a premência – e a importância – de trocar todas as perguntas por uma só resposta. Talvez tenha pensado que a denúncia da sua experiência pessoal (ainda que cifrada na poesia) incentivasse outros a seguir-lhe o exemplo. Talvez tenha sido assim, apesar de *a febre (...) de navegar* que nele havia (devida ao que lhe ia *na alma*). Tudo isto lhe ensinou que quem tiver a coragem de projetar a sua consciência para os Planos Superiores:

*Só encontrará de Deus na eterna calma
O porto sempre por achar.*

* * *

Para aliviar a densidade desta prosa, brinquemos um pouco com as primeiras e últimas palavras deste *Padrão*. É sabido que os deuses não nos pedem o que está ao nosso alcance. Eles nos lembram, constantemente, que só afrontando os desafios é que a Roda individual e a Roda Colectiva se mantêm em movimento. Fernando Pessoa sabia disto. Assim, as primeiras palavras deste poema – *O esforço é grande e o homem é pequeno* – e as últimas – *O porto sempre por achar* – proporcionam o seguinte arranjo:

“O esforço é grande, o homem é pequeno e o porto (está) sempre por achar.”

Que pensará Fernando Pessoa acerca disto, agora que o seu *porto* já não está *por achar*?